

Estudo mostra perfil do preso

Rio (AE) - A educação não é o principal fator de risco para um indivíduo ser preso no Estado de São Paulo, ao contrário do que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou. De acordo com o estudo “Retrato do Presidiário Paulista”, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o risco de o homem ser preso é 46 vezes maior que o da mulher, enquanto quem não completou o ensino fundamental tem duas vezes mais probabilidade de ir para a cadeia do que os mais bem educados. Após o sexo, vem o estado civil. Os solteiros têm um risco quase cinco vezes maior do que os demais. Para o pesquisador do Centro de Políticas Sociais, Marcelo Neri, “os solteiros são mais propensos a aceitar riscos porque o impacto na família é menor”.

Apenas em terceiro lugar aparece o quesito escolaridade, empatado com a idade. Pessoas com até seis anos de estudo têm duas vezes mais chances de estarem presas do que aquelas que estudaram mais. Na mesma proporção, os jovens com idade entre 18 e 35 anos também correm o dobro de risco de ser presidiário do que pessoas em outras faixas etárias.

O estudo foi feito com uma amostra de 5.400 presidiários paulistas, através do processamento dos microdados do Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ele comparou esse segmento com o conjunto da população adulta paulista.

Os presidiários são homens (97%), jovens com idade entre 20 e 29 anos (54,5%) e solteiros (80,6%). Na população paulista esses percentuais são 48%, 18,2% e 23,4%, respectivamente. Em relação à educação, houve pouca variação no percentual de analfabetos (8,2% entre os presos e 7,5% no restante da população), mas uma diferença significativa entre aqueles que não completaram o ensino fundamental (78% entre os presos e 52% na população paulista). Os negros e pardos são 35,8% entre os presos e 26,3% na população.

Os fatores raça (cor da pele) e migração (nativo ou migrante) são bem menos significativos no que se refere a aumentar a probabilidade de prisão. “Nos EUA a raça é o principal fator de risco, o que é muito diferente da nossa realidade”, exemplificou Neri.

O pesquisador isolou o que supunha ser os fatores de risco da criminalidade - sexo, idade, religião, escolaridade, estado civil, raça e migração - e criou um programa de computador para calcular o risco de um indivíduo com um desses fatores negativos vir a ser preso.

O objetivo da pesquisa, segundo Neri, é facilitar a criação de políticas públicas destinadas a reduzir a criminalidade. “Quem quiser criar um programa com esse intuito numa área de risco deve preferir a área esportiva, em vez de balé, porque o público-alvo deve ser os meninos”, orientou. Para Neri, o investimento em creche e pré-escola é fundamental para igualar as oportunidades entre ricos e pobres.

Na comparação entre a amostra de presidiários e o restante da população paulista, o dado que mais chamou a atenção do pesquisador foi a quantidade de presos com religiões alternativas (espíritas, afro-brasileiras e evangélicas). “Não sei se tem alguma coisa a ver com o PCC, mas com certeza é um dado que tem que ser estudado”, disse ele. Enquanto na população paulista esse percentual é de apenas 1,9%, entre os presidiários chega a 26,6%.